



Saúde Mental Entre Estudantes Universitários: Revisão Sistemática de Literatura

Resumo:

Este estudo tem como objetivo refletir como a produção científica tem abordado a temática saúde mental entre estudantes universitários. Realizamos revisão sistemática da literatura nas bases de dados Scielo e Google acadêmico, utilizando-se as palavras-chave Saúde Mental e Universidade. A amostra foi constituída por 95 artigos em língua portuguesa. Verifica-se que a perspectiva que situa o sofrimento mental como uma das expressões da lógica da sociabilidade capitalista, entendida como opressora e geradora do adoecimento mental, foi pouco explorada pelos/as autores/as. Espera-se que a pesquisa possa servir de base para a ampliação do conhecimento crítico dessa realidade e, possa subsidiar tanto ações pedagógicas da universidade quanto fortalecer as ações no SUS.

Palavras-chave: Saúde Mental; Universidade; Revisão de literatura.

Mental Health Among University Students: Systematic Literature Revision

Abstract:

This study aims to reflect on how scientific production has addressed the topic of mental health among university students. We carried out a systematic review of literature in the databases Scielo and Google Scholar, using Mental Health and University as keywords. The sample consisted of 95 articles in Portuguese. It appears that the capitalist sociability and its logic as a perspective that situates mental suffering as one of its expressions, understood as oppressive and generating mental illness, has been little explored by the authors. It is hoped that the research can serve as a basis for expanding critical knowledge of this reality and that it can subsidize both the university's pedagogical actions and strengthen actions in SUS.

Keywords: Mental Health. University. Literature review.

1 Introdução

As reflexões aqui apresentadas são resultantes dos debates realizados no interior da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que há mais de 20 anos dedica seus estudos no campo da saúde mental (Basílio-Denadai; Garcia, 2016; Garcia et al, 2018; Garcia; Leal; Basílio-Denadai, 2020; Denadai, 2012; Oliveira; Garcia, 2011, entre outros). Nesse sentido, esse diálogo parte das nossas inquietações coletivas como docentes que, no cotidiano da sala de aula, convivemos com histórias, queixas e dificuldades relatadas por nossas alunas relacionadas ao sofrimento mental no contexto da universidade. Desânimo, desesperança, tristeza, ansiedade estão presentes em nossa

atividade docente.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), vários países do mundo registram aumento de casos de sofrimento psíquico, principalmente ansiedade e depressão. Mas esse problema traz em si múltiplas dimensões: a) as relações e condições de trabalho [que englobam desemprego, trabalho precarizado, etc] - estar desempregado foi associado a um risco relativo duas a três vezes maior de morte por suicídio, em comparação com estar empregado (Blakely; Collings; Atkinson, 2003); b) a geração – segundo a OMS (2021), 1 em cada 7 (14%) crianças entre os 10 e os 19 anos de idade sofrem de problemas de saúde mental (1), mas estes permanecem em grande parte não reconhecidos e sem tratamento; c) o gênero – o estigma associado com problemas de saúde mental (muitas vezes maior para as mulheres); diferenças em termos de problemáticas; impactos sobre o processo de cuidado, ausência de ações e serviços centradas nas demandas femininas, entre outras (World Health Organization, 2004); d) a raça/etnia - estudos apontam o impacto do racismo e discriminação sobre a saúde mental (Vines et al, 2017).

A Organização Pan-Americana de Saúde já anunciava em 2001, que o racismo era um elemento de agravamento da saúde mental de sujeitos negros (Organização Pan-Americana de Saúde, 2001); e) classe social - as desigualdades sociais na saúde mental materializam-se a partir de diferentes formas de acesso a cuidados, determinadas pela origem de classe da pessoa em sofrimento (Rosa; Campos, 2013). Ludermir (2008) contribui neste debate enfatizando a prevalência de transtornos mentais entre pessoas desempregadas oriundas de famílias pobres. Os dados também apontam que os transtornos mentais são a principal causa de incapacidade, causando um em cada seis anos vividos com incapacidade. As dimensões da problemática do sofrimento psíquico faz com que sua manifestação na vida das pessoas seja carregada de singularidade, sendo então válido o emprego de recursos que permitam desnudar suas nuances e desdobramentos (Vieira; Torrenté, 2022).

Estima-se que em todos os países, são os estratos mais pauperizados da população que correm maior risco de problemas de saúde mental e, que também, são os que menos acessam aos serviços. Somente 12% das pessoas com essa condição recebem cuidados de saúde mental nos países mais pobres (World Health Organization, 2022). O Brasil é o país que lidera o ranking de ansiedade e depressão na América

Latina, com quase 19 milhões de pessoas com essas condições (World Health Organization, 2022).

A OMS estima que cerca de 10% da população mundial sofre com transtornos mentais, o que corresponderia, aproximadamente, a 720 milhões de pessoas (Organização Mundial de Saúde, 2022). O suicídio foi responsável por mais de uma em cada 100 mortes e 58% dos suicídios ocorreram antes dos 50 anos de idade (World Health Organization, 2022). Esses dados nos remetem à importância de discutir criticamente as repercussões do contexto econômico, político e social contemporâneo na saúde mental no âmbito da universidade (Bonfim; Machado, 2022).

2 Capitalismo e sofrimento mental

O processo de mundialização do capital desencadeou significativas alterações na dinâmica da sociedade mundial (Chesnais, 1966). As tentativas de restauração do capital frente à sua crise estrutural impõem ao cenário político dos países do capitalismo central e periférico, como o Brasil, uma série de modificações na condução da política educacional, em especial, no que se refere à expansão do ensino superior, que encontra-se alinhada ao projeto neoliberal (Pereira, 2012). Nesse contexto, a população em geral, e logo, os estudantes universitários têm sofrido - não só no âmbito da sua saúde física e mental, mas em todos os âmbitos da vida - fortemente os impactos devastadores dessa conjuntura de crise estrutural do capital (Boschetti, 2016).

Podemos estimar os efeitos e os impactos gerados por um sistema que prioriza o lucro sobre a vida no cotidiano da sala de aula, onde temos verificado o expressivo número de estudantes com dificuldades de integralização da graduação devido a questões de raízes sociais, políticas e econômicas e a questões de racismo, sexismo e exploração que conformam o que se passa por vida normal sob o capitalismo (Ferguson, 2023).

Estes efeitos muitas vezes aparecem em situações de sofrimento mental devido aos múltiplos stresses, ao sofrimento, e, também, a uma crise mental profunda (Vasconcelos, 2013; Ferguson, 2023). Daí a importância para que estes eventos não sejam reduzidos a uma classificação patológica, característica da perspectiva biomédica, alinhada aos processos de medicalização, biologização e psiquiatrização da

vida (Lima; Oliveira, 2023). Perspectiva essa, em que

[...] as queixas relacionadas ao sofrimento mental transtornos de ansiedade, do sono, depressão, tentativas de suicídio e consumos indevidos de substâncias psicoativas etc. tendem a ser atualizadas como um problema individual, circunscrito a um cérebro, gerando um fluxo por respostas institucionais tradicionais: os tratamentos psicológicos e psiquiátricos” (Lima; Oliveira, 2023, p. 41-42).

Entendemos que qualquer pessoa, em qualquer momento da vida pode ser afetada por algum tipo de dor, sofrimento ou transtorno mental, visto que viver em coletividade produz iniquidades que podem atuar sobre o bem-estar. E, nessa direção, concordamos com Vasconcelos (2013) - todos os tipos de sociedade humana tiveram alguma experiência com o adoecimento mental. Se pensarmos, em um contexto econômico e social, que coloca grandes desafios para as instituições universitárias como os cortes de gastos públicos na área, que acarreta grandes dificuldades para a sua manutenção (Boschetti, 2016), e, também para a permanência dos estudantes nas mesmas.

Estudos realizados pelo Fonaprace mostram altos índices de adoecimento na comunidade estudantil. Em análise comparativa entre as últimas pesquisas realizadas em 2014 e em 2018, o Fonaprace afirmou que o percentual de estudantes com ideação de morte foi de 6,1%, enquanto o pensamento suicida afetou 4% e alerta para atenção aos indicadores de saúde mental (Fonaprace, 2019). O estresse e outros problemas de saúde mental representam um grande problema para muitos estudantes universitários tanto de graduação quanto de pós-graduação, e tanto a sua saúde como o seu desempenho acadêmico são afetados negativamente (Wyatt; Oswalt, 2013). Estes autores apontavam, em 2013, que a prevalência e a gravidade dos desafios de saúde mental estavam aumentando na população estudantil universitária - depressão e ansiedade afetam quase 16% dos estudantes de graduação e 13% dos estudantes de pós-graduação. Da mesma forma, o número de estudantes universitários do primeiro ano que relatam estar frequentemente sobrecarregados está aumentando (Wyatt; Oswalt, 2013).

2.1 Universidade e Saúde Mental

Esta é uma chave analítica importante em nossa reflexão. As mudanças no perfil

das/os universitárias/os brasileiras/os. Em 2018, a Pesquisa Nacional de Perfil dos graduandos das Ifes (Andifes) apontava que a universidade pública estava mais acessível à população negra, mulheres, alunos oriundos do ensino médio em escolas públicas e estudantes com renda per capita de até 1,5 salários-mínimos estavam cada vez mais presentes (Andifes, 2018).

Ingressar na Universidade e responder às múltiplas demandas e necessidades (alimentação, moradia, transporte, material escolar, entre outros) e nem sempre ter essas demandas cobertas pela assistência estudantil, é pauta do movimento estudantil. É também geradora de ansiedade, dúvida e medo. Se por um lado, as demandas são múltiplas, em 2004 apenas 34% das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) ofereciam algum tipo de atendimento à saúde mental aos estudantes universitários (Andifes, 2018).

Pesquisas realizadas durante a crise sanitária por Covid-19 mostraram que a pandemia exacerbou, em vez de criar, desigualdades na saúde mental. Em primeiro lugar entre aqueles em risco estavam os jovens, que relataram consistentemente mais estresse do que qualquer outro grupo e estavam mais propensos a relatar desesperança. Os jovens adultos foram especialmente atingidos durante a pandemia com um golpe triplo - educação remota, perspectivas de emprego diminuídas e contato social reduzido com colegas, agravado por essa faixa de idade de universitários - 18 e os 24 anos – ser considerado um período de risco para experimentar um problema de saúde mental (Mental Health Foundation, 2020, não paginado). Concordamos com Piva (2023, p. 533) “o sofrimento na universidade evidencia não só as pressões, contradições e impasses da vida universitária, mas também a metamorfose estrutural da sociedade”.

Esse cenário nos leva a refletir que a sociabilidade capitalista é responsável por níveis elevados de problemas de saúde mental que vemos hoje no mundo. Uma sociedade baseada na exploração e na opressão é fonte geradora de dor, sofrimento e morte (Ferguson, 2017). O mesmo autor alerta: A ansiedade, que mal era reconhecida como uma condição de saúde mental há 50 anos, é talvez a condição por excelência no tempo presente (Ferguson, 2017).

É mister que a universidade envide esforços no sentido de fomentar estratégias de compreensão dessas dinâmicas sociais e de seu enfrentamento, articulado com a rede de atenção psicossocial no território.

Diante do exposto, fica evidente a importância de discutir esta questão, que tem mobilizado reflexões em várias universidades brasileiras. Neste cenário, o presente trabalho buscou conhecer a produção de conhecimento sobre saúde mental entre estudantes universitários no Brasil, buscando refletir em qual direção caminha e como podemos adensar esse debate.

3 Metodologia

Para analisar a produção científica acerca da temática Saúde Mental de universitários realizamos revisão sistemática de literatura, com o objetivo de sintetizar as evidências relevantes disponíveis em artigos científicos. Como um tipo de estudo que se baseia em fontes secundárias – em nosso caso, artigos científicos, procedemos ao seguinte caminho metodológico: 1) elaboração da pergunta de pesquisa; (2) busca nas bases de dados; (3) identificação e seleção dos artigos; (4) extração dos dados; (5) avaliação da qualidade metodológica; (6) síntese dos dados (metanálise); (7) redação e publicação dos resultados.

Procedemos a busca no Scientific Electronic Library Online (Scielo) e no Google acadêmico, utilizando a palavra-chave Saúde Mental and Universidade. Foram listados 140 no Scielo e 1.970 no google acadêmico. Como critérios de inclusão tínhamos: tratar de saúde mental de estudantes universitários. Foram excluídos textos repetidos, publicadas em outra língua que não o português, que não eram artigos científicos ou que não tratavam de Universidades brasileiras. Assim, após leitura dos resumos foram incluídos em nossa amostra 81 (Scielo) e 14 (Google acadêmico). Para análise de dados procedemos à análise de conteúdo do tipo categorial (Bardin, 1977). Utilizamos a recorrência das unidades e estas foram agrupadas por similaridade de conteúdo.

Figura 1. Esquema metodológico



Fonte: Esquema desenvolvido pelas autoras, 2024.

4 Resultados

A análise nos permitiu captar uma visão geral sobre a produção científica brasileira. Em termos de frequência, os títulos exploram questões vinculadas à condição ser estudante/graduando/universitário/acadêmica/o (72) em Universidade (25), estudantes da área biomédica (Medicina – 20; Enfermagem – 12; Odontologia – 2; Farmácia - 1) ou da Grande área de Humanidades (Letras – 1; Psicologia – 1; Filosofia – 1). O foco nos cursos da área da saúde foi justificado pelas situações limítrofes entre saúde-doença e vida-morte, que precisariam de preparação e suporte (Peixoto et al, 2021), além do uso não prescrito de alguns medicamentos (Nasário; Matos, 2022); demandas por suporte (Brasil et al, 2021).

Por fim, há diferentes palavras que expressam sofrimento psíquico (10) e ansiedade (7) vivida no percurso formativo. Borine et al. (2015), ao comparar os níveis de stress entre alunos de diferentes cursos, indicam que os que apresentaram maiores médias foram os alunos de Fisioterapia, Odontologia, Enfermagem e Medicina, respectivamente.

Entretanto, a reflexão do sofrimento mental na sociabilidade capitalista como opressora e geradora de sofrimento, foi pouco explorada pelos/as autores/as. Piva

(2023) estudou a interação específica entre saúde mental e a experiência de discriminação associada aos marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero, sexualidade, dentre outros) através da convivência e das narrativas de alunos/as de graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) entre 2020 e 2021. Piva (2023, p. 543) alerta:

[...] quando crises produzidas, social e institucionalmente, são percebidas como crises individuais, não são considerados os efeitos adoecedores do próprio ambiente e das práticas institucionais, seja os eventuais desafios acadêmicos, as violências simbólicas e físicas, as insuficiências das políticas de permanência, etc. As respostas ao sofrimento, portanto, tendem a se organizar de forma individualizada e aquém da complexidade do fenômeno”.

A questão saúde mental e a intersecção de eixos de opressão (Vieira; Torrenté, 2022) verificaram consequências das opressões interseccionalizadas - preconceitos de gênero, orientação afetivo-sexual, pobreza, raça/cor e estigmas acerca de suas condições de saúde mental, tornando-os mais suscetíveis ao sofrimento.

Assim, embora “[...] estejamos todos na mesma tempestade, não estamos todos no mesmo barco” (Mental Health Foundation, 2020, não paginado). Assim, precisamos associar sofrimento mental e capitalismo e refutar a perspectiva biologizante e patologizante. Para Ferguson (2023) esta perspectiva é moldada por interesses de classe, ideologias de classe e luta de classes. Não é de surpreender que as definições dominantes de saúde no capitalismo se concentrem principalmente na capacidade de vender a própria força de trabalho e, portanto, sejam geralmente definições negativas ou funcionais – saúde como a ausência de doença ou enfermidade, saúde como a capacidade de trabalhar.

Por isso, é mister problematizar as evidências internacionais recentes que sugeriram que 35% dos alunos no primeiro ano de Universidade relataram sintomas indicativos de transtorno mental ao longo da vida e 31,4% relatam sintomas nos 12 meses anteriores (Bruffaerts et al, 2019) e que cerca de 4,3% já tentaram suicídio durante a vida (Bruffaerts et al, 2019). E que esses indicadores foram agravados com a emergência da crise sanitária (Rodrigues et al, 2023; Fagundes et al, 2022; Silva et al, 2022; Morato; Fernandes, Santos, 2022).

Outro conjunto explorou estudos de prevalência de sintomas de ansiedade entre

universitários/as (Souza et al, 2022; Dias Júnior, 2022) e comportamento suicida (Sol et al, 2022). Mas, o que estes indicadores nos provocam? Que o modelo biomédico individualiza o sofrimento mental e minimiza os fatores estruturais, como classe, pobreza e racismo que se expressam nesse processo.

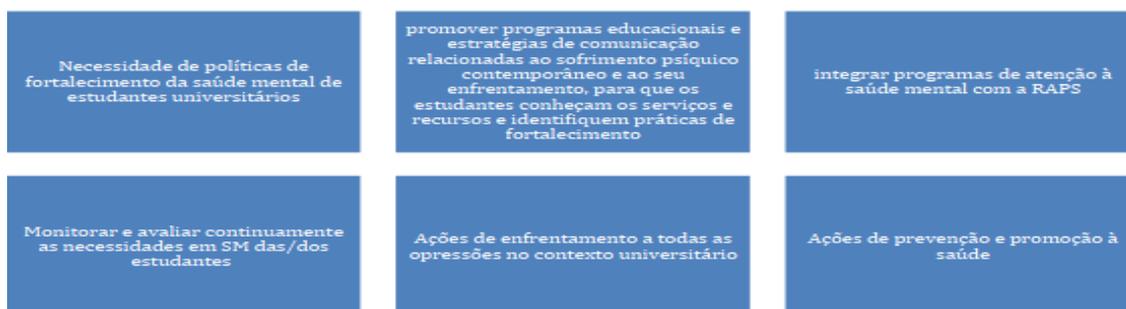
Por exemplo, a questão do sofrimento psíquico em estudantes universitários LGBTQIA+ é explorada por Lacerda e Pinho (2021) que indicam a necessidade de construção de um paradigma de diversidade como norma.

Um conjunto de artigos trabalhou com propostas de protocolo de organização de serviços na IES (Rodrigues; Barbosa; Tonete, 2023) ou produção de material didático (Silva et al, 2022). A questão da formação profissional da área da saúde para lidar com as demandas da SM também foram destacadas nos estudos. Já em 1995, Figueiredo e Oliveira (1995) já apontavam para os escassos trabalhos na área e indicavam a necessidade de intervenções básicas na esfera de saúde mental: aconselhamento, encaminhamentos psicoterápicos e orientação psicopedagógica, que requer uma equipe multidisciplinar desenvolvendo atividades individuais e grupais.

Entre as recomendações presentes nos trabalhos destacaram-se: a) assegurar que os estudantes tenham oportunidades para vivenciar ações de promoção da saúde mental no contexto universitário e, ao buscarem atendimento na possibilidade de sofrimento psíquico, sejam acolhidos em ambiente acessível e confortável com profissionais devidamente capacitados e resolutivos.

Em síntese, os estudos analisados, exploraram facetas de uma problemática que requer ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde, articulado ao um contexto de luta por direitos sociais, entre eles, a amplitude da assistência estudantil para além do atendimento a necessidades materiais. Ou, parafraseando Carvalho et al (2020), é mister um *Encontro de saberes* da saúde mental no contexto das Universidades brasileiras.

Figura 2. Ações necessárias ao enfrentamento dos problemas de sofrimento mental nas IES



Fonte: textos consultados. Elaboração das autoras, 2024.

Verificamos que as obras trazem reflexões sobre ações necessárias ao enfrentamento dos problemas de sofrimento mental nas Instituições de Ensino Superior. Entre as ações indicadas estão a necessidade de criação de uma política de fortalecimento da saúde mental dos estudantes; assim como a necessidade de programas educacionais e de atenção a saúde nos âmbitos do enfrentamento, da prevenção, da promoção, do monitoramento e da avaliação.

Apesar da política nacional de assistência estudantil (Brasil, 2010) preconizar ações desenvolvidas em nível institucional que favoreçam a permanência do estudante no ensino superior, sendo a atenção à saúde um dos objetivos, nota-se que as ações realizadas são quantitativamente insuficientes para sanar o conjunto das necessidades da população acadêmica (Ramos et al, 2018), uma vez que as necessidades materiais e/ou de cuidados que incidem no processo de adoecimento desses alunos ultrapassam ações pontuais realizadas na universidade e, muitas vezes, não conseguem nem resolver a questão do adoecimento ou mesmo contribuir para a permanência dos estudantes na instituição.

Considerações Finais

Vivendo em um contexto de crise econômica, política, ambiental e sanitária, acompanhamos a reflexão na literatura científica brasileira sobre a problemática do sofrimento mental entre estudantes universitários/as nos últimos 29 anos (1995 e 2024).

Nota-se o conteúdo das reflexões ora trazendo pontos desta questão – focando em um dado curso, em um dado problema ou em um segmento – ora assume uma perspectiva patologizante (a partir de codificações de manuais médicos), e, em menor número, ora articulando o debate à sociabilidade capitalista como responsável por níveis elevados de problemas de saúde mental que vemos hoje no mundo. Entre reflexões e recomendações, algumas ausências foram notadas – o aprofundamento no debate racial, de gênero e as reflexões no campo da prevenção e da promoção da saúde.

A revisão retrata que a compreensão do fenômeno de adoecimento dos estudantes universitários é fundamental, uma vez que a elaboração de estratégias de enfrentamento às situações de adoecimento demanda a adoção de uma perspectiva analítica que captem a questão nas suas múltiplas dimensões.

Assim, espera-se que a pesquisa possa servir de base para a divulgação do conhecimento dessa realidade, que afeta a vida dos estudantes no âmbito da saúde mental, e que interferem na sua vida acadêmica, que possam subsidiar ações pedagógicas da universidade e ações no campo da política de saúde mental desenvolvidas pela Rede de atenção psicossocial (RAPS), com respostas efetivas na área.

Esta revisão de literatura aqui nos permitirá outras reflexões neste campo. Os próximos passos serão: o mapeamento das ações desenvolvidas na universidade nos âmbitos da extensão universitária; da pesquisa e as ações de cuidado. Também, será realizada pesquisa com estudantes de Serviço Social, buscando compreender como estas questões comprometem ou não para a permanência na instituição.

Referências

ANDIFES. V **Pesquisa Nacional de perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018**. FONAPRACE, Brasília, 2019. Disponível em <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/VPesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BASÍLIO-DENADAI, M. C. V.; GARCIA, M. L. T. (2016). O Serviço Social e a temática droga. **Sociedade Em Debate**, n. 22, v. 1, p. 261-289. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/1383>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

BEHRING, E. R. **Brasil em contrarreforma**: desestruturação do Estado e perda de direitos. São Paulo: Cortez, 2003.

BLAKELY, T. A.; COLLINGS, S. C.; ATKINSON, J. Unemployment and suicide. Evidence for a causal association? **J Epidemiol Community Health**. 2003. Agosto. n. 57, v. 8, p. 594-600. Doi: 10.1136/jech.57.8.594. PMID: 12883065; PMCID: PMC1732539.

BONFIM, G. C. P.; SCHEFFER, M. G. A realidade das(os) estudantes de Serviço Social da UERJ na pandemia. **SER Social**, [S. l.], v. 24, n. 51, p. 345–363, 2022. DOI: 10.26512/sersocial.v24i51.43094. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/43094. Acesso em: 19 jun. 2023.

BOSCHETTI, I. Implicações da crise do capital na política de educação superior no Brasil no contexto atual. In: SANTOS, C. M.; LEWGOY, A. M. B.; ABREU, M. H. E. **Supervisão de Estágio em Serviço Social**: aprendizados, processos e desafios. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016, p. 11-29.

BRASIL. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010** Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em 10 de agosto de 2023.

BRASIL, M. A. et al.. Setor de Atendimento em Saúde Mental aos estudantes de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 2, p. 188–189, mar. 2021.

BRUFFAERTS, R. et al. (2019). Lifetime and 12-month treatment for mental disorders and suicidal thoughts and behaviors among first year college students. **International Journal of Methods in Psychiatric Research**, e1764 10.1002/mpr.1764

CARVALHO, J. J. D. E. et al. Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e Encontro de saberes. *Sociedade e Estado*, v. 35, n. 1, p. 135–162, jan. 2020. Disponível em: www.scielo.br/j/se/a/yxrR4dMvNYmB3SZYTdZCVCQ/#

CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo. Editora UNESP, 2001.

CHAUÍ, M. de S. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. Set./Dez. 2003, n. 24, p. 05-15.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1966.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Nota pública do CFESS contra os novos ataques à Política de Saúde Mental**. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1772>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

DENADAI, M. C. V. B. Legislações sobre drogas no Brasil. In: GARCIA, M. L. T.;

LEAL, F. X. **Análise de políticas públicas**: temas, agenda, processos e produtos. 2012, p. 289-332.

DIAS JUNIOR, S. A. et al. Ansiedade em Acadêmicos de Enfermagem e de Medicina de uma Universidade Pública: Estudo Transversal. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. n. 27 Porto jun. 2022 Epub 30-Jun-2022. Disponível em: www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602022000100081&lang=pt. Acesso em 02 de abril de 2024.

FAGUNDES, A. T. et al. Universitários no contexto da covid-19: perfil, comportamentos e atividades acadêmicas. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, p. e82306, 2022.

FERGUSON, I. **Politics of the Mind**: Marxism and Mental Distress. Bookmarks, 2017.

FERGUSON, I. Capitalismo, coronavírus e sofrimento mental. **Argumentum**, v. 15, n. 3, p. 10-30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/42525/28412>

FIGUEIREDO, R. M. DE .; OLIVEIRA, M. A. P. DE. Necessidades de estudantes universitários para implantação de um serviço de orientação e educação em saúde mental. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 3, n. 1, p. 05–14, jan. 1995.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **Revista Comemorativa**: 25 anos: histórias, memórias e múltiplos olhares. Minas Gerais: UFU- PROEX, 2012.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras**. Uberlândia: Andifes, 2016.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das Ifes**. Uberlândia, Andifes, 2019.

GARCIA, M. L. T.; LEAL, F. X.; DENADAI, M. C. V. B. A luta antimanicomial em tempos de pandemia: a permanente pauta para o Serviço Social brasileiro. In: GOMES, T. M. da Silva; PASSOS, R. G.; DUARTE, M. J. **Saúde mental e drogas em tempos de pandemia**: contribuições do Serviço Social. Navegando Publicações, 2020. p. 407-430.

LACERDA, L C. S.; PINHO, P. H. Experiências de sofrimento psíquico em estudantes universitários LGBTQIA+. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. n. 28 Porto dez. 2022 Epub 31-Dez-2022. Disponível em: scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-2160.

LIMA, R. de C. C.; OLIVEIRA, J. R. M. de. (2023). “O que aconteceu com você?” ao invés de “O que há de errado com você?”: saúde do estudante nas universidades federais brasileiras. **Argumentum**, v. 15, n. 3, p. 40–47.

LUDERMIR, A. B.. Desigualdades de classe e gênero e saúde mental nas cidades. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 18, n. 3, p. 451–467, set.2008.

MENTAL HEALTH FOUNDATION. **Mental Health Foundation Impact Report 2020 – 2021**. Disponível em: emotionallyhealthyschools.org/latest-news/mental-health-foundation-impact-report-2020-2021/. Acesso em: 12 de maio de 2024.

MORATO, G. G., FERNANDES, A. D. S. A.; SANTOS, A. P. N. dos. Saúde mental e cotidiano dos estudantes de terapia ocupacional frente à Covid-19: possíveis impactos e repercussões. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 30, e3035. Recuperado de <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/3035>

NASÁRIO, B. N.; MATOS, M. P. P. Uso Não Prescrito de Metilfenidato e Desempenho Acadêmico de Estudantes de Medicina. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2022 v. 42, e235853, 1-13.

OLIVEIRA, E.F; GARCIA, M. L.T. A política de saúde mental no Espírito Santo. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 50-58, jan/jun. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. 2001. Relatório sobre a saúde no mundo. Saúde Mental: Nova Conceção, Nova Esperança. Disponível em: www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0205.pdf. Acesso em: 20 de abril de 2024.

PEREIRA, L. D. **Educação e Serviço Social**: do confessionalismo ao empresariamento da formação profissional. São Paulo: Xamã, 2012.

PEIXOTO, L. C. P. Vítima e vilã: experiência ambígua de estudantes de enfermagem no contexto universitário. **Rev Gaúcha Enferm**. 2021; n. 42.

PIVA, F. P. O adoecimento psíquico na graduação e os marcadores sociais da diferença na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). **Etnográfica**. junho de 2023 n. 27, v. 2, p. 529-551.

RAMOS, F. P. et al. Intervenções psicológicas com universitários em serviços de apoio ao estudante. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. jul.-dez. 2018, Vol. 19, No. 2, 221-232.

- RODRIGUES, I. F. et al.. O impacto do isolamento social no ensino a distância em cursos da área de saúde. **Revista de Odontologia da UNESP**, v. 52, p. e20230025, 2023.
- RODRIGUES; T. C. M. M.; BARBOSA, G. C.; TONET, V. L. P. Protocolo de organização de serviço para enfrentamento do sofrimento psíquico de universitários: uma construção coletiva. **Rev Bras Enferm.** 2023; n. 76, v. 4.
- ROSA, L. C. DOS S.; CAMPOS, R. T. O.. Saúde mental e classe social: CAPS, um serviço de classe e interclasses. **Serviço Social & Sociedade**, n. 114, p. 311–331, abr. 2013.
- SILVA, M. A. P. DA. et al. Bordando saúde: percepção de mulheres em sofrimento psíquico sobre a vivência em uma oficina terapêutica. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, p. e81933, 2022.
- SILVA, A. C. Prevenção da autolesão não suicida: construção e validação de material educativo. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** 2022;30(spe): e3736.
- SOL, É. G. L. et al. Avaliação do comportamento suicida em estudantes de Medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 71, n. 2, p. 83–91, abr. 2022.
- VASCONCELOS, E. M. **Manual ajuda e suporte mútuos em saúde mental**. Rio de Janeiro: Escola do Serviço Social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional de Saúde, 2013.
- VIEIRA, V. M. S. de A.; TORRENTÉ, M. de O. N. de. Saúde mental e interseccionalidade entre estudantes em uma universidade pública brasileira. **Interface (Botucatu)**. 2022; 26, p. 01-16.
- VINES, A. I et al. Received Racial/Ethnic Discrimination and Mental Health: a Review and Future Directions for Social Epidemiology. **Curr Epidemiol Rep.** 2017 Jun; n. 4, v. 2, p. 156–165.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2004. **Gender in mental health research**. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/43084/9241592532.pdf;jsessionid=F13532697153D9C6BAB62900B9162777?sequence=1>. Acesso em: 30 de abril de 2024.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2021. **Mental Health**. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health/?gad_source=1&gclid=EAIAIQobChMIInrLTtKiThgMVuQetBh0OwwE2EAAYASAAEgIlcPD_BwE. Acesso em: 20 de abril de 2024.
- WYATT, TAMMY.; OSWALT, SARA. B. Comparing Mental Health Issues Among Undergraduate and Graduate Students. **American Journal of Health Education**. v. 44, 2013. Disponível em: www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19325037.2013.764248. Acesso em: 10 de maio de 2024.